

A favor dos sem trabalho

O Rebate apreciando a crise de trabalho atribui-a às forças-vivas, pois o retrairo da praça desapareceu desde que houve a certeza de que a melhoria cambial não era um bluff. Os negócios voltaram à normalidade. O despedimento de operários obedece, portanto, a factores estranhos à vida económica do país. Aconselha, por isso, o Rebate o governo a averiguar quais sejam esses factores e a remediar a situação para evitar males maiores e graves perturbações sociais.

Contudo o mesmo jornal, ainda sem ver a forma de solucionar o problema, entende que dar o Estado trabalho directamente aos operários constitui apenas um expediente. Entende, no entanto, que o Estado lhes deve assistência, querendo que da despesa comparticipem as forças-vivas, que obtiveram lucros fabulosos com as suas especulações.

Todas estas considerações são defensáveis, mas o Rebate acrescenta uma afirmação de que não podemos deixar de discordar e é a de que o Estado devorá estabelecer nas localidades do seu baptismo ou não proximidades os operários sem trabalho. A parte esta ideia do baptismo e tornando-a apenas como querendo indicar a terra de naturalidade, como seria mais próprio num jornal que não é religioso, não podemos concordar com semelhante critério. Se se tratasse apenas da última terra onde o respectivo operário trabalhou mais permanentemente e onde tenha a família, compreendia-se.

Assim não. Há operários que vivem há muitos anos fora das suas terras, e nas localidades onde trabalham têm família. Obrigá-los a deslocarem-se para a terra da sua naturalidade seria um absurdo e mesmo dando-lhes trabalho a sua crise não ficaria resolvida.

Quanto à ideia de que às forças vivas é que incumbe a responsabilidade do agravamento desta situação, estamos de acordo. Mas queríamos ver o Rebate tirar todas as conclusões da afirmação que avançou, não esquecendo a de que as fábricas onde o trabalho se paralisou sem dever paralisar, devem ser requisitadas ou mobilizadas conforme os poderes que foram conferidos ao Conselho Económico, a quando a sua constituição. Se o governo dispõe de suficiente energia para enfrentar a situação não deve de maneira nenhuma desrespeitar este elemento de regularização do trabalho.

4.º Assegurar, de maneira inequívoca, o direito de livre associação, de reunião pública ou privada, hoje abolido de facto sob os mais absurdos pretextos. Em consequência, anular quaisquer leis, decretos ou medidas que constituam impecilhos ao exercício desse direito.

5.º Como complemento inegável ao direito de associação, assegurar-se o direito aos associados de constituírem nos centros das suas actividades profissionais os seus delegados que, facilitando a acção correlativa às necessidades associativas, facultam a orientação do público sobre os actos criminosos daqueles que procuram enriquecer a custa de falsificações, adulterações e monopolios.

6.º Abolir as leis que estabelecem a expulsão de estrangeiros nos pontos que atingem os elementos que vindo para o Brasil prestar-nos o concurso de suas energias físicas no desenvolvimento das riquezas nacionais, não abdicam, nem é humano pretender-se o contrário, do direito de apresentar uma consciência e de propagar os princípios que professam.

7.º Anular as medidas que forçam os trabalhadores a se sujeitarem às fichas policiais para poderem conseguir trabalho nas fábricas e oficinas.

A REACÇÃO NO BRASIL

O período revolucionário e as reivindicações sociais

Os magnates de São Paulo colocaram-se ao lado de Bernardes para estrangular as aspirações do povo

Rio de Janeiro — Dezembro

Falei em minha última carta do período revolucionário que o Brasil atravessa.

Esse período iniciou-se, de facto, com a subida à presidência da república de Artur Bernardes; mas as suas causas são mais remotas, provem das sucessivas balanças dos políticos, das traficâncias e dos embargos que se realizaram à sombra do regime, depauperando o país.

A princípio, a população, estes trinta milhões de indivíduos que povoam o Brasil, supunha que a salvação colectiva estava na mão do poder de determinado magnate político, tornado, pelas circunstâncias, "dolo popular".

Mas nos últimos anos, com a forte propaganda das ideias modernas e com o constante abandalhamento das instituições, o povo começou a ver que a sua emancipação só se daria com o estrangulamento do regime burguês.

E assim, se em 1918, José Otávio conseguira reunir dez mil homens para derrubar esse regime, agora, em São Paulo, enquanto o general Dias Lopes dizia que ia depurá as actuais instituições, o povo pediu a revolução social e nesse sentido auxiliou as operações revolucionárias daquele militar.

As liberdades públicas

Evidentemente que nem Dias Lopes nem seus adeptos tinham tanta larga visão social, que concordassem inteiramente com as aspirações do povo. Mas em alguma coisa elas iam transfigurando e, assim, entre os manifestos revolucionários surgiu um que merece, pelas ideias que propaga, que déle extrafam alguns períodos. Sobre liberdades públicas os revolucionários concretizam desta forma, alguns dos seus desejos:

1.º Restabelecer-se a amplitude de todos os direitos individuais consagrados pela Constituição.

2.º Abolir a lei de imprensa, que representa um instrumento coercitivo da liberdade de pensamento e da livre crítica das coisas públicas.

3.º Restabelecer o direito de livre circulação nos Correios das publicações que estudem ou propaguem quaisquer principios políticos, filosóficos, sociais ou religiosos, abolindo-se todos os decretos, leis, círculares, etc., que embarcam o seu livre trânsito postal, garantido pela Constituição.

4.º Assegurar, de maneira inequívoca, o direito de livre associação e de reunião pública ou privada, hoje abolido de facto sob os mais absurdos pretextos. Em consequência, anular quaisquer leis, decretos ou medidas que constituam impecilhos ao exercício desse direito.

5.º Como complemento inegável ao direito de associação, assegurar-se o direito aos associados de constituírem nos centros das suas actividades profissionais os seus delegados que, facilitando a acção correlativa às necessidades associativas, facultam a orientação do público sobre os actos criminosos daqueles que procuram enriquecer a custa de falsificações, adulterações e monopolios.

6.º Abolir as leis que estabelecem a expulsão de estrangeiros nos pontos que atingem os elementos que vindo para o Brasil prestar-nos o concurso de suas energias físicas no desenvolvimento das riquezas nacionais, não abdicam, nem é humano pretender-se o contrário, do direito de apresentar uma consciência e de propagar os princípios que professam.

7.º Anular as medidas que forçam os trabalhadores a se sujeitarem às fichas policiais para poderem conseguir trabalho nas fábricas e oficinas.

O problema rural

Sobre a agricultura e os indivíduos que a ela dão seus esforços, os revolucionários querem:

1.º Acabar com o domínio do latifúndio, mantido pela desdida, capricho ou ganância dos grandes proprietários, com sacrifício dos pobres camponeses, que são forçados a se submeterem a condições leoninas para conseguir terras, trabalharem-nas e serem delas despossuídos quando as põem em condições de produzir.

2.º Despropriar todas as terras conservadas incultas e entregá-las às cooperativas de camponeses, para esse fim constituidas.

3.º Fornecer a essas cooperativas, para lhes assegurar a possibilidade de vida imediata, os instrumentos agrícolas indispensáveis e as sementes necessárias, sob condição de pagamentos parcelados nas épocas das colheitas.

Também sobre o evidente desamparo em que se encontram os trabalhadores em todos os países e muito especialmente aqui, os revolucionários em seu manifesto apresentaram alguns artigos interessantes, de que reproduzimos os principais:

1.º Simplificar e tornar possível de execução imediata e rigorosa a lei dos acidentes no trabalho, ampliando-a e tornando-a extensiva a todos os ramos da actividade, tanto industrial como comercial e pública.

3.º Estabelecer o princípio de que os salários devem corresponder ao nível do custo da vida e da concessão de uma determinada quota nos lucros anuais.

6.º Concessão do direito de três meses de ordenado aos empregados no comércio no caso de serem dispensados, bem como assegurar-lhes uma percentagem nos lucros líquidos anuais das casas em que trabalham.

8.º Proibição de maneira positiva da exploração do trabalho das crianças, impe-

dindo o emprego de menores de 14 anos.

9.º—Estabelecer a equiparação dos salários das mulheres aos dos homens, desde que haja equivalência de trabalho.

10.º—Proibir que sejam empregadas mulheres nos trabalhos nocturnos, a não ser nos serviços de assistência.

11.º—Assegurar às mulheres o direito do repouso remunerado, no período delicado de gravidez e após o parto, assim como o direito do tempo para a amamentação, sem prejuízo dos seus ganhos.

13.º—Generalizar o horário de 8 horas, que, ao contrário do que interessadamente afirmam proprietários gananciosos, não embaraça o desenvolvimento da produção, isso acontecendo apenas em consequência dos manejos de monopolizadores e stockistas, que regularizaram a produção, não de acôrdo com as necessidades do consumo, mas sim de conformidade com as suas ambicções.

O protesto dos magnates paulistanos

Também sobre o ensino e sobre a justiça, esse manifesto apresentava alguns pontos de vista curiosos.

Todavia, logo que os grandes magnates de São Paulo — Matarazzo, Gama e outros — souberam que a maioria dos revolucionários se propunham pôr em prática as ideias expostas no seu manifesto, colocaram-se a seu lado de Bernardes e seu sequazes.

E, assim, a Associação Comercial de São Paulo, de acordo com o famigerado arcebispo Leopoldo Duarte, desenvolveu uma hipócrita actividade a favor do que ela chamava "a paz, a tranquilidade da família paulista", mas que não era senão o desejo de algumas ideias que propaga, que déle extrafam alguns períodos. Sobre liberdades públicas os revolucionários concretizam desta forma, alguns dos seus desejos:

1.º—Conclusão dos 3.500 metros de estrada que vem de Souzel e cujos trabalhos se encontram paralisados há 15 ou 20 anos.

2.º—Conclusão dos 300 metros que faltam da estrada que vem de Fronteira a esta localidade.

3.º Construção de 2 fornos para cozer pães que são necessários para evitar explosões.

4.º Construção dum tanque e dum charafaz.

5.º Edificação dum escola primária para ambos os sexos.

6.º Conclusão dum estrada que vem do fundo da aldeia ao largo das Telheiras, cujos trabalhos se encontram paralisados há 8 anos.

7.º Expropriação de terrenos para a construção de habitações.

Trabalhos agrícolas:

Existem nesta localidade 21 herdades, sendo 11 da casa do marquês da Praia e de Montorre, as quais se fossem aproveitadas dariam uma grande produção de agricultura.

2.º Fazer um desbaste nas 3.000 árvores de azinheira e sôbrio que daria cerca de 7.000 sacas de carvão de 60 quilos cada.

Rurais de Serpa

E' do seguinte teor a resposta que nos enviou o sindicato dos trabalhadores rurais de Serpa:

Trabalhos por conta do Estado:

1.º—Exigir dos empreiteiros da construção de dois ou três lotes da linha ferrovia da estação de Serpa-Brinches a Serpa a admissão de todo o pessoal rural desta localidade que se encontra sem trabalho, os quais

serão postos em prática.

Trabalhos agrícolas:

Existem nesta localidade 21 herdades, sendo 11 da casa do marquês da Praia e de Montorre, as quais se fossem aproveitadas dariam uma grande produção de agricultura.

2.º—Construção dum edifício para a escola industrial Jacome Raton de Tomar que há bastante tempo se encontra projectado.

Trabalhos por conta do Municipípio:

1.º—Construção do ramal do caminho de ferro da Lamarosa a Tomar que se encontra já projectado.

2.º—Continuação dos trabalhos do novo mercado; os quais foram encerrados pelo mesmo município, devido a estarmos no inverno.

4.º—Construção dum bairro operário visto haver grande falta de habitações nesta cidade.

5.º—Construção de alguns urinóis e retretes visto ser coisa desconhecida nesta terra.

6.º—Acabamento da canalização de águas para abastecimento da cidade.

Os banquetes de homenagem

Nestes últimos dias, accossados pelas necessidades, organizaram-se algumas manifestações de operários que percorreram as ruas de Lisboa. Essas manifestações teriam o nosso apoio incondicional se tivessem a característica de uma alívio que se impusesse aos olhos da burguesia, única culpada da triste situação em que o operariado se encontra sem trabalho, os quais

servem os banquetes para os convivas irem afirmar uns ou outras a alta consideração que entre si mantêm, entregando-se ao elogio mútuo descarado e impudico.

Nesses banquetes, os homenageados são classificados, pelas palavras quentes e abundantes dos convivas animados pelo chama-panhe, de gênios incomparáveis, de maravilhas, de virtudes e outras boas qualidades.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Servem os banquetes para os convivas irem afirmar uns ou outras a alta consideração que entre si mantêm, entregando-se ao elogio mútuo descarado e impudico.

Nesses banquetes, os homenageados são classificados, pelas palavras quentes e abundantes dos convivas animados pelo chama-panhe, de gênios incomparáveis, de maravilhas, de virtudes e outras boas qualidades.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exceção, seria tolerável, tornou-se, à força de se exercer desordenadamente, uma imoralidade repugnante.

Há dias, em Beja—segundo o festivo relato de O Século do sr. Trindade Coelho que tanto se indignou com o banquete de Krassine—realizou-se um banquete de homenagem que uma vez, por exce

CULTURA PROLETÁRIA
AS UNIVERSIDADES POPULARES

O proletariado deve freqüentá-las para adquirir a cultura que é indispensável à consecução das suas aspirações

A luta contra a burguesia e contra o Estado é uma escola admirável de energias e de consciência; por meio dela o operário como indivíduo e como classe, ganha uma consciência enorme, na sua força, na sua ação. Em sindicalismo ou antes nas organizações baseadas na luta de classes, a educação que se faz por meio da luta é importante.

Mentiríamos, porém, se dissessemos que essa educação bastava, que ela era tudo para a cultura, para o espírito dos trabalhadores. Outra educação é necessária, é mesmo indispensável: é a que se faz nas universidades—nas universidades populares, bem entendido.

A vida humana—dito um pedagogo—é uma luta constante entre a animalidade que forma o fundo do nosso ser, e a espiritualidade que tende a elevar-la cada vez para mais alto. O operário para se dignificar precisa de realizar, dentro de si, uma obra profunda de educação. Digam-se as coisas, sem rodeios, pelos seus nomes: o operário possue já um *instinto* social bastante desenvolvido; precisa agora de adquirir uma *consciência* social, capaz de fazer caminhar na vida, sem hesitações e sem erros. A conduta individual ou colectiva nunca deve obedecer simplesmente ao instinto, ainda que ele seja maravilhosamente desenvolvido.

A educação, criando consciências, cria revoltados. Adquirindo-se cultura, sentem-se necessidades de toda a ordem que é preciso satisfazer, sob pena de grandes sofrimentos. E não é na vida sem conforto, na vida feita cotidianamente de privações e de misérias, privações que vêm desde o nascimento, misérias que são de sempre, que se sentem as necessidades capazes de dignificar a vida. Triste verdade encerra aquela frase que diz ser o homem o único animal que a tudo se habituá. Ora o operário está habituado à miséria—doloroso é confessá-lo.

Não ousamos afirmar que está completamente habituado à miséria. Se tal facto se desse, não se teriam presenciado tão belos movimentos como os que se têm realizado neste país e ainda não se teria assistido ao consolador espetáculo de grandes massas proletárias vitoriosamente entusiasmadamente grandes e nobres aspirações humanas. O que caracteriza as lutas de hoje das de ontem é a consciência que nelas se verifica. Ontem, via-se um rebanho de escravos, cordeiros de ignorância e de farrapos, clamando pelas estriadas ou pelas cidades, seus espantosos sofrimentos, sua espantosa miséria. Às vezes davam-se revoltas. Mas, as revoltas em que havia a fome, só a fome, liquidavam-se com algumas cédulas de pão e a distribuição teatral e *humanitária* de alguns milhares de sôpas ou de tijelas de caldo.

O operariado do Porto e de Coimbra organizam instituições de ensino popular universitário

As revoltas de hoje já não se acalmam com sôpas ou tijelas de caldo. Não são já revoltas feitas só de miséria, não são só revoltas de estomagos. São também as consciências que só determinam, consciências que não pactuam com iniquidades. Por isso essas revoltas nunca se extinguem e marcam num perpétuo crescendo. A questão social é uma questão vastíssima que transforma todos os países, o mundo inteiro, num campo de batalha, no maior dos campos de batalha. Nesse campo de batalha, os combates sucedem-se; cessam uns para dar lugar a outros. A paz nunca se faz, acordos definitivos nunca se realizam. A luta prossegue sempre até que um dos contendores, não seja, como classe, completamente aniquilado. Uma luta dessa natureza, com tal extensão, só foi, só é possível pela consciência nela existente.

Essa luta faz sentir ao operariado a necessidade de se educar. Correspondendo a essa necessidade, existem já algumas Universidades Populares. Em Lisboa há uma que tem secções em vários sindicatos, que tornou a sua ação educativa extensiva ao Barreiro e em Setúbal.

Em Coimbra fundou-se uma instituição idêntica, recentemente. No Porto está outra em organização.

Importa agora que o proletariado e, em especial, a sua parte mais jovem, as frequentar. Frequentando-as não só lucra espiritualmente, como afirma perante os seus tradicionais inimigos, o seu desejo veemente de liberdade.

Teatrinho Juvénia

A propósito de uma notícia publicada há dias recebemos a seguinte carta do sr. César Pórtio, director da Escola Oficina n.º 1:

Sr. director de *A Batalha*.—Só ontem me chamaram a atenção para um pequenino artigo sobre o Teatro Juvénia, publicado em 6 do corrente no seu bem dirigido diário. Afirma-se ali que o Juvénia é obra de Araújo Pereira—que para ele concorreu largamente, sem dúvida, pelas suas indicações de competente e pelo valioso auxílio económico de alguns seus amigos dedicados; mas a verdade é que aquele Teatro está de baixo da direcção da Escola Oficina n.º 2 e pertence por conseguinte à Sociedade Promotora de Escolas. Em benefício dos alunos desta, e muito particularmente dos da escola n.º 2, que revertem os lucros líquidos, deduzidos vários desembolsos, sendo certo que o grupo educativo daquela distinta ensaioadora propõe há dias à direcção das Escolas-Oficinas o convite de que fala o seu artigo, que parece equitativo e aceitável para ambas as partes que sejam contratantes, porém não precisamente nos termos que veem mencionados. Houve em vista o rendimento possível, dado que os assinantes do Juvénia tecem vantagem quanto aos preços; mas de facto só com descontos de quase mais 30 por cento, em prejuízo das escolas, se atingiria a quantia indicada como sendo o aluguel normal.

Esperando que me desculpe a intervenção, peço-lhe sr. director, considere muito obrigado pelo espaço que lhe tira com a publicação destas linhas, o seu verdadeiro dedicado—César Pórtio.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

O importante comício de domingo promovido pela U. S. O. de Lisboa

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa conforme resoluções do seu conselho de delegados e prosseguindo no estudo que se propõe realizar para o debelamento da actual crise de trabalho, promove no próximo domingo um comício, em que apresentará um documento consumista das respostas obtidas dos sindicatos de Lisboa sobre o problema.

Na segunda feira, ao meio dia, segundo as resoluções tomadas, deverá o operariado paralisar o trabalho, a fim de acompanhar a comissão que vai entregar ao governo as reclamações aprovadas pelo operariado de Lisboa.

As resoluções do Conselho de Delegados

Como *A Batalha* ontem noticiou, o conselho de delegados da U. S. O., ocupou-se largamente da crise de trabalho.

Após prolongada discussão, na qual tomar parte todos os delegados foi aprovada uma moção que veiu publicada ontem em *A Batalha* e a seguinte moção do camarada Amadeu de Moura:

Considerando que a crise de trabalho tem agravado cada vez mais;

Considerando que é de absoluta necessidade que a U. S. O. desenvolva a maior propaganda possível a favor de preparação do espírito dos trabalhadores para um grande movimento de protesto; proponho

Que se realzem na sede da U. S. O., sessões de propaganda e comícios públicos sempre que se julgue conveniente.

Também se deliberou que os delegados da União à C. O. T. levantem ali este caso para ser levado a efeito um movimento de carácter nacional.

Nomeou-se uma comissão composta por Rozeno Viana, Saravia de Aguiar e Eugénio Inacio para ir junto do governo a significar o seu vidente protesto contra a selvageria da guarda republicana e polícia exercida sobre os operários sem trabalho.

Resoluções dos corticeiros de Belém

Os operários corticeiros de Belém reúnem-se no seu Sindicato, para mais uma vez apreciar a crise de trabalho.

Foi largamente discutido o assunto, resolvendo que os corticeiros empregados auxiliem os sem trabalho e que a classe vá até onde as circunstâncias o permitam para que o governo dê andamento às reclamações apresentadas sobre desenvolvimento da indústria.

Protestou contra a baixa de salários e resolvem que todos os sindicatos instalados na mesma sede reúnem hoje, às 18 horas, para levar a efeito uma sessão ou comício público para tratar do assunto.

CONFERÊNCIAS

Os anarquistas e a Revolução

Sob este tema realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Único Metálico, rua da Esperança, 122, 2.º (antigo 204), uma conferência por Manuel Joaquim de Sousa.

O que os novos podem fazer

Na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenial do Exército, realiza hoje, às 21 horas, sob o tema «O que os novos podem fazer», uma conferência o professor Emílio Costa.

Aos jovens convém não faltar a esta conferência, pois a elas especialmente interessa.

Grémio Excursionista Civil do Monte

O sr. Martins Santarém realizou ontem a terceira de uma série de conferências.

A frente única liberal-social era o tema. Analisando a situação dos partidos políticos e organizações operárias de diversas tendências, criticou a luta que entre si mantêm procurando anular as iniciativas que cada uma toma em vez de se auxiliarem mutuamente.

Liberou hás-os em todos os partidos, exercendo uma ação com a qual os sociais-simpatisantes, assim como há burgueses dedicados à questão social cuja propaganda tem aproveitado a ilustração das classes operárias nas suas reivindicações.

Não é possível fusionar as agrupações de tendências e a ação diferente como são os partidos socialista e comunista, como é errôneamente pensar qualquer destes partidos.

Na sociedade, onde todos os agrupamentos têm uma tendência invencível, a reproduzir as fórmulas autoritárias da oficina e do Estado, os sindicatos revolucionários são um exemplo dumha organização fundada na liberdade. A grande maleabilidade da Confederação Geral do Trabalho, o seu federalismo, a ausência do poder coercitivo são melhor prova de que se pode conciliar o espírito de ordem e o espírito de independência. O sindicato livre no sindicato, o sindicato livre na federação, a federação livre na confederação, é uma ligaçao cuja eficácia senão pode perder.

E assim o sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já não é encarado como uma realisação do Estado, o único agente de desorganização do absolutismo político, o obstáculo principal à invasão sufocante do capitalismo administrativo.

No sindicalismo, os sindicatos tendem a reduzir cada vez mais o poder patronal e a organizar os próprios o trabalho. Todo o movimento sindical não tem outro fim senão substituir a disciplina imposta pelo capitalismo, pela disciplina voluntária dos produtores, que apesar de tudo vai o seu próprio interesse.

A atestar a estúpida ganância dos

«fôrças-vivas» daí, aponta a reacção que os mesmos fazem contra a baixa da libra, que poderia transformar-se em benefício para patrões e operários, se aqueles não fossem duma tan flagrante falta de inteligência, mesmo quando se trata dos seus interesses.

Quem é que no Estado põe em cheque a arbitrio do poder, a força do exército, o próprio princípio do governo, senão o movimento operário? Esta é a única força que tem de contar seriamente o imperialismo do Estado, o único agente de desorganização do absolutismo político, o obstáculo principal à invasão sufocante do capitalismo administrativo.

No sindicalismo, os sindicatos tendem a reduzir cada vez mais o poder patronal e a organizar os próprios o trabalho. Todo o movimento sindical não tem outro fim senão substituir a disciplina imposta pelo capitalismo, pela disciplina voluntária dos produtores, que apesar de tudo vai o seu próprio interesse.

Acompanha o sindicalismo a luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já não é encarado como uma realisação do

Estado, o único agente de desorganização do capitalismo, pela disciplina voluntária dos produtores, que apesar de tudo vai o seu próprio interesse.

O sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os

dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já

não é encarado como uma realisação do

Estado, o único agente de desorganização do

capitalismo, pela disciplina voluntária dos

produtores, que apesar de tudo vai o seu

próprio interesse.

O sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os

dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já

não é encarado como uma realisação do

Estado, o único agente de desorganização do

capitalismo, pela disciplina voluntária dos

produtores, que apesar de tudo vai o seu

próprio interesse.

O sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os

dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já

não é encarado como uma realisação do

Estado, o único agente de desorganização do

capitalismo, pela disciplina voluntária dos

produtores, que apesar de tudo vai o seu

próprio interesse.

O sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os

dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já

não é encarado como uma realisação do

Estado, o único agente de desorganização do

capitalismo, pela disciplina voluntária dos

produtores, que apesar de tudo vai o seu

próprio interesse.

O sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os

dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já

não é encarado como uma realisação do

Estado, o único agente de desorganização do

capitalismo, pela disciplina voluntária dos

produtores, que apesar de tudo vai o seu

próprio interesse.

O sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os

dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já

não é encarado como uma realisação do

Estado, o único agente de desorganização do

capitalismo, pela disciplina voluntária dos

produtores, que apesar de tudo vai o seu

próprio interesse.

O sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os

dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já

não é encarado como uma realisação do

Estado, o único agente de desorganização do

capitalismo, pela disciplina voluntária dos

produtores, que apesar de tudo vai o seu

próprio interesse.

O sindicalismo constitui ao mesmo tempo a incarnação real da luta de classe e a preparação prática dum regime de liberdade. Dessa forma, pratica-se todos os

dias um pouco de socialismo, até que se possa realizar totalmente. O socialismo já

não é encarado como uma realisação do

A BATALHA

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo Público

O aumento dos vencimentos aos funcionários do Congresso da República

afirma-o a «A Batalha»

A maneira verdadeiramente habilidosa como se aumentou os vencimentos dos funcionários do Congresso da República, longe de passar despercebido ao resto dos funcionários quem de perto interessa, veio despartilhando o sonho letárgico e terrivelmente prejudicial em que há tempos tinha mergulhado.

Por toda a parte e em todas as classes se nota, a par dum azaíama extraordinária, o descontentamento e a revolta que uma tam flagrante desigualdade de tratamento veio provocar. Não bastavam aquelas que já existiam e aqui temos enumerado, para satisfazer a vaidade tóla e idiota das que dispõem dos dinheiros públicos como coisa sua; era preciso mais e muito mais, e assim, sem um argumento que o justifique ou uma razão que se aceite, va de modificar as designações, para com essa mudança e contra todas as praxes e costumes se criar uma situação de privilégio e destaque a criaturas que, como funcionários do Estado, não devem nem podem ter mais direitos ou regalias que os restantes funcionários.

Em prol da igualdade de vencimentos, uma luta ingente e titanica nos últimos tempos se tem estabelecido, entre o critério vésto e retrogrado dos homens da governança pública e dois dos sindicatos existentes; renhido, aceso e aspero por vezes tem sido o embate e, se nem tudo se tem conseguido, também, porém, nem tudo se tem perdido, pois que, a pesar da má vontade de meia duzia de indivíduos que no parlamento têm assento, sem que se saiba bem porquê, a moralidade tem triunfado um pouco.

Por vezes, quando da discussão de qualquer aumento a conceder ao funcionalismo, alguns dos citados indivíduos têm pretendido desnivelar o quânto nadie já se conseguia, mas nunca como agora o atrevimento foi tão longe, pois que das restantes vezes, sempre que qualquer tentativa se esboçava, salalmava ao encontro os clamares daqueles que mais mal pagos andam e que mais trabalho dispensam, mas o que então lhe era dificultoso tornou-se-lhe agora facilíssimo e sem que ninguém o esperasse surge nas colunas de *O Diário do Governo* o prémio de consolação que à laia de testamento a Comissão Executiva quis distribuir aos seus apanhados; prémio que vexa e humilha as restantes classes do funcionalismo.

Não é contra os funcionários que foram beneficiados, que a revolta surda se manifesta, pois que elas como os restantes serventários do Estado de forma alguma conseguem viver com os miseráveis vencimentos que lhes distribuem. O que revolta e provoca é o procedimento caprichoso de criaturas que nada fazendo no sentido de cumprir integralmente a trilogia da democracia que dizem defender, se comprassem em destruir a obra que tantos sacrifícios nos tem custado.

O aumento agora concedido, em vez de ser uma reparação à justiça que assiste àquelas a quem atingiu, é apenas uma provocação aos que esqueceram; provocação tanto mais grave quanto é certo ter partido do parlamento que até hoje nada tendo feito que o dignifique e imponha aos que o elegeram, sempre tem contrariado as preenções do funcionalismo...

O aumento concedido aos funcionários do Congresso deve, e urgentemente, tornar-se extensivo a todos os funcionários. O parlamento, o país e o governo não pode de forma alguma ter castas privilegiadas, nem situações diferentes, por mais engenhosa ou hábil que seja a maneira porque o pretenda fazer. Todos dependem do mesmo patrão e todos têm iguais necessidades; admito que pela maneira como os serviços públicos estão organizados, nem todos tenham direito a receber a mesma importância, pois que, dada a diversidade de serviços, enquanto uns fazem 10 e mais horas diárias, outros fazem apenas 45 ou mesmo nenhuma, como por exemplo sucede com o pessoal menor das escolas primárias infantis, em que a maioria é do sexo feminino, e em que além de tudo, ainda por cima tratam as crianças com menos delicadeza do que seria para desejar e com diversos funcionários superiores dos diversos ministérios, mas daí a deixar passar em silêncio o que agora se fêz vai uma dimensão tamanha como de pena do dr. Baltazar Teixeira às suas tão apregoadas e mal feitas economias.

A agitação que se começa a notar entre os serventários do Estado, ameaça levá-los dentro em pouco até junto das instâncias superiores para que estas, dando cumprimento à sua promessa de concessionalismo, coloquem cada um no lugar que de facto lhe pertence.

Não podemos profetizar, conquanto isso não fosse muito difícil, qual o resultado de tais «démarches», mas tudo indica que, ele como de costume seja o de que o governo vai estudar o assunto, para depois concluir que o Congresso é autônomo e como tal tem verba própria. Sendo assim, que caminho tomará o funcionalismo? A nosso ver, deve tomar o caminho que de há muito lhe está indicado, mas se o não tomar ao menos que altivamente saiba repelir uma tal desculpa, pois que o Congresso, embora autônomo, como a maioria das repartições, não tem facilidade em adquirir verba como os Correios, ou os caminhos de ferro de que possa viver, e ainda que a tivesse, nem assim haveria o direito de estabelecer para as criaturas que ali fazem serviço uma situação diferente da que se estabelece para as restantes. As prestações da vida são comuns a todos os indivíduos e não só àquelas a quem se convencionou chamar guarda-portão ou qualquer outra coisa parecida ou semelhante. A designação não influiu pelo menos até ao presente, nas necessidades do indivíduo, como de resto não influiu o seu saber ou a sua competência, pois muito embora o cérebro seja diferente o estômago quase sempre é igual.

Movimenta-se o funcionalismo e, consciente da razão que lhe assiste, vai reclamar de quem pode e o deve ouvir; que o faça com critério e tino, pois a situação que acaba de lhe ser criada não pode nem deve continuar. Demasiadas têm sido as vezes que o Parlamento tem feito tábua rasa das suas

FERROVIÁRIOS DO MINHO E DOURO

A incompetência da A. G. está provocando um conflito de sérias consequências

afirma-o a «A Batalha»

um elemento da classe

regadores e foi com aquele orçamento que lhe foram pagos os vencimentos no ano económico de 1923-1924.

«Pois o sr. Pinto Teixeira entendeu que em 1924-1925 devia fixar em 1:400 contos a verba de orçamento, e se o pensou melhor o executou.

— E como pode a Administração com essa insuficiente verba corresponder ao pagamento do pessoal?

— Duma forma simplista. Reduzindo, como já foi dito, ou vivendo num regime de calote para prestígio do próprio Estado. Cifra-se nisto a competência do administrador.

Quanto à redução do pessoal, devo informá-lo que é tudo quanto há de mais estúpido. Calcule que desde 1910 o tráfego atingiu uma diferença superior de um milhão de passageiros e 171 milhões de quilos de gêneros em pequena velocidade.

Com o desenvolvimento industrial e comercial das localidades servidas pelo Minho e Douro há uma tendência para aumentar o tráfego, que já tende a triste esperança de ser servido como a competência do sr. Pinto Teixeira...

— O serviço de Via e Obras ressentisse também desta desorganização.

— Os serviços ferroviários do Minho e Douro atravessam neste momento umas das fases mais delicadas da sua existência, em matéria administrativa.

— Confiai a Administração Geral a um incompetente, sem espírito ou orientação administrativa, que as situações políticas guindaram as altas culminâncias, inevitavelmente que os seus efeitos dever-se-iam sentir na situação do pessoal menos categorizado.

— De modo que constitui um perigo a permanência desse cavalheiro à frente do Minho e Douro...

Evidentemente. E não é só a sua incompetência a principal causa desse perigo. Também a falta de sinceridade exacerba o divórcio entre o pessoal e a Administração situação que se reflete na própria disciplina do trabalho.

— Calcule que quando da reclamação agitada durante meses pela União Ferroviária e que devia ser concedida desde Julho do ano passado, segundo o artigo 321 do decreto 3.924, o sr. Pinto Teixeira, em resposta a uma recusa, pretextada na melhoria cambial, declarou que uma compensação nos seria dada e se conservariam as percentagens que foram concedidas em Março.

— Pois decorridos alguns dias o mesmo senhor dava instruções das quais resultava uma redução de 30 %, a percentagem do pessoal eventual.

— Mas como justificou o administrador geral essa atitude?

— Alegou que o duodécimo vinha sendo excedido de há meses em perto de 70 contos por mês, e não queria que persistisse essa situação.

— E nota que com esta medida foi preferir pessoal com nove anos de serviço, e abrigar os art. 399.º e 413.º da Organização.

— A «superior» administração

— Ainda poderíamos confiar que essa medida fosse razoável se nos abstrássemos de que no orçamento de 1924-1925 do Serviço de Movimento se indicava a verba de 2.400 contos para o pagamento ao pessoal eventual, que era em 1923 de mil e tantos car-

reclamações; portanto, a ele mesmo compete agora tratar do assunto e pôr-se ao lado do funcionalismo, e isto para que se não possa dizer que se deixou arrastar consciente ou inconscientemente à cauda de caprichos próprios ou alheios, e ainda para que já agora não possamos assistir ao estranho espetáculo de vêr ele mesmo rasgar as leis que a seu talento e vontade tem engendrado. E se o fizer, que o menos nos permita a liberdade de podermos dizer como Brito Camacho: «...Se os parlamentares são os primeiros a não tomar a sério o seu papel, como podem querer que a sério os tome os pais?»

Por nossa parte apenas confiamos numa ação unida e disciplinada do funcionalismo, uma vez que só com ela se pode conseguir aquilo a que têm direito e os políticos, cada vez mais teciam em lho conceder, mas curvamo-nos à temos dos restantes, aguardando contudo confiada mente a sua desilusão, desilusão que, a-pesar-de-tudo, sempre chega; mas, até lá, que se não para nem se detenham na liquidação duma situação que nos deprime e nos prejudica, pois com isso todos lucraremos.

PAULO EMILIO

A Voz do Operário

Pedem-nos a publicação do seguinte: A comissão de defesa desta instituição, continua reunião diariamente no costume, prosseguindo na missão de combate às imoralidades e escândalos cometidos dentro da referida colectividade, para o que tem tomado resoluções de carácter reservado.

Tem esta comissão conhecimento de que os novos corpos gerentes estão novamente a enveredar para o campo da imoralidade administrativa, para o que já reconduziram no cargo de redactor do jornal — logar de que tinha sido demitido por desnecessário pela anterior comissão, o sr. José Fernandes Alves, que acumulava três logares com os respectivos ordenados, não se justificando tal procedimento da actual comissão administrativa.

Para continuar demonstrando os escândalos ali cometidos e defesa da instituição, realizar-se-há na próxima quarta-feira, 14 do corrente, pelas 20 e meia horas, no bairro de Alcantara, no Centro Dr. Bernardino Machado, mais uma sessão pública, para o que a comissão resolveu convidar a assistir à mesma, os srs. Ramada Curto e Ribeiro de Carvalho, por esta comissão de há muito saber de que estes srs. têm defendido a situação escandalosa que novamente se vai verificar, a dentro da velha instituição, indo contra a moralidade e saneamento e ainda contra todos os princípios liberais que dizem defender.

“LA INTERNACIONAL”

Órgão da Associação Internacional dos Trabalhadores

Preço 1\$50; pelo correio, 2\$00

Pedidos à administração de A Batalha

O operariado deve comparecer em massa depois de amanhã no grande comício contra a crise de trabalho, promovido pela U. S. O.

PELA ORGANIZAÇÃO MOBILIARIA

Importante sessão magna para traçar a crise de trabalho e vitalidade do sindicato

Ante a crise de trabalho que na indústria do mobiliário se faz também sentir, e o abandono a que militantes e não militantes tem votado o Sindicato da Indústria do Mobiliário, este fez distribuir um manifesto, aos militantes e aos operários da indústria em geral, do qual recordamos os seguintes períodos:

— Grave, muito grave é a situação em que se debate o nosso Sindicato. Abandonado por todos, a sua força decrece dia a dia. Pequenas divergências têm afastado da luta activa muitos dos nossos melhores militantes, e a classe, segundo o exemplo dos seus orientadores, entrega-se ao mais cruel dos indiferentismos. Uns e outros contribuiram para que o nosso organismo chegassem a este estado tão lamentável. A crise faz sentir os seus terríveis efeitos, e a burguesia, que acompanha com interesse os nossos movimentos, prepara a ofensiva, segura de que não encontrará à sua frente uma força devidamente organizada. De quem é a culpa? De todos.

— Duma forma simplista. Reduzindo, como já foi dito, ou vivendo num regime de calote para prestígio do próprio Estado. Cifra-se nisto a competência do administrador.

— Quanto à redução do pessoal, devo informá-lo que é tudo quanto há de mais estúpido. Calcule que desde 1910 o tráfego atingiu uma diferença superior de um milhão de passageiros e 171 milhões de quilos de gêneros em pequena velocidade.

— Com o desenvolvimento industrial e comercial das localidades servidas pelo Minho e Douro há uma tendência para aumentar o tráfego, que já tende a triste esperança de ser servido como a competência do sr. Pinto Teixeira...

— O serviço de Via e Obras ressentisse também desta desorganização.

— Há comboios com marchas de 20 quilômetros à hora, e há estações que o número de pessoal braçal é igual ao de 1907, visto os carregadores estarem reduzidos ao número existente naquele ano.

— Contais com elementos para conseguir fazer triunfar as vossas reivindicações?

Na iminência dum movimento

— Se estamos absolutamente satisfeitos que nos assiste temos elementos suficientes para vencermos em tóda a linha.

— O engenheiro Pinto Teixeira não transige, não consente o pagamento ao pessoal desde que excede o duodécimo a que já me referi.

— Ao ministro do Comércio já o caso foi posto com tóda a clareza, e as respostas são sempre de falta de dinheiro.

— O argumento, porém, não colhe, pois não é lógico e humano que a falta de verba apenas seja para este pessoal, quando é certo que se têm feito nomeações de vários funcionários dos quadros com a situação regularizada, e, portanto, com prejuízo da Administração.

— O manifesto do comité de defesa do pessoal é um brado de revolta que parece traduzir o clamor da classe, e por consequência prenúncio do breve eclodir dum movimento...

— Isso, meu amigo, é dos domínios do mesmo comité.

— O estado de espírito do pessoal é muito delicado, como já o provei com demonstração dos atropelos da administração.

— Se rapidamente ao pessoal eventual e aos praticantes de factores e revisores não paga o ordenado do mês de Novembro último, é muito possível que os protestos hão pouco feitos junto da Administração Geral, no Porto, tomem vulto e não haja possibilidades de conter a onda que avança ruivida.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-nos o que a falta de tempo lhe não permitiu.

— E isto é unicamente de responsabilidade do sr. Teixeira, alguém o bom senso e inteligência de há muito veem aconselhando um único caminho...

— E o nosso entrevistado, confiante na causa dos seus camaradas, terminou assim as suas declarações, prometendo ainda dizer-n